

♦ Segundo PIERRE CLASTRES (1934-1977), mais do que sociedades privadas de Estado há sociedades privadas da *autoridade da hierarquia*, da *relação de poder*, onde o *espaço da chefatura não é um lugar de poder*, mas uma *simples competência técnica*.

♦ O Chefe é aquele que tem dons oratórios, o saber-fazer como caçador, a capacidade de coordenar as actividades da guerra, ofensivas ou defensivas. *O chefe não dispõe de qualquer autoridade, de qualquer poder de coerção, de qualquer meio para dar uma ordem... O espaço da chefatura não é o lugar do poder.*

♦ Porque *a propriedade essencial da sociedade primitiva é o exercício de um poder absoluto sobre tudo o que a compõe, é proibir a autonomia de um qualquer dos respectivos subconjuntos que a constituem, é manter todos os movimentos internos, conscientes ou inconscientes, que alimentam a vida social, nos limites e na direcção pretendida pela mesma sociedade.*

♦ Refere ainda que *se nas sociedades com Estado a palavra é o direito do poder, nas sociedades sem Estado, pelo contrário, a palavra é o dever do poder. Ou, por outras palavras, as sociedades índias não reconhecem ao chefe o direito à palavra porque ele é o chefe: exigem do homem destinado a ser chefe que ele prove o seu domínio sobre as palavras. Falar é, para o chefe, uma obrigação imperativa, a tribo quer ouvi-lo: um chefe silencioso já não é chefe.*